

O Grilo e a Raposa

(conto trasmontano)

Ao ilustre Colega da Univ. de Indiana
Prof. Siith Thompson, Mestre consagrado
no estudo dos contos populares.

O. D. C.

«Um dia o grilo e a raposa fizeram guerra».

O porquê, não se sabe de certeza. «*Reixas* (1) antigas sempre as houve entre o grilo e a raposa».

São bem conhecidos os dizeres correntes «mal vai à raposa quando anda aos grilos», e «quando a raposa anda aos grilos mal p'rá mãe peor p'rós filhos».

Seria pois por a raposa comer os grilos que entre eles se desencadeara a guerra? É possível.

O certo é que, duma vez, pelo mês de Janeiro, em pleno inverno, «a raposa deu batalha ao grilo».

Para isso organizou o seu exército «mobilizando bois, cães, gatos, leões e outros muitos bichos grandes».

«Juntou essa *bichage* (2) toda contra o grilo».

O grilo tinha também os seus aliados.

Ao começar a batalha o grilo soltou contra todos aqueles bichos grandes as *vêsporas* (3) e as abelhas.

Como se disse era em Janeiro. «Nesse tempo as *vêsporas* e as abelhas estão fraquinhas e o grilo perdeu a batalha».

Perdeu a batalha mas não perdeu a guerra «que deixou adiada para o mês de Maio».

Chegado que foi este mês, o mês das flores, as forças do grilo dum lado e as da raposa do outro, dispuseram-se frente a frente para a nova batalha.

«Nessa altura o grilo só lhe botou o primeiro batalhão de *vêsporas*, os *soldados de casaca amarela*».

«A raposa quando viu aquele enxame de *vêsporas* em cima dela e dos seus aliados, a zunir com braveza, a ferroarem a torto e a direito, e todos aqueles animais a *alboriçar* (4) o rabo,

(1) Reixas, corrupção de rixas, isto é, brigas, lutas, contendas.

(2) Bichage, por bichagem ou bicharada, multidão de bichos.

É corrente a simplificação do *gem* final em *ge*. Assim se diz *estalage*, *romage*, *vage*, etc.

(3) *Vêsporas* por *vespas*. Algumas vezes dizem também *vêsporas*.

(4) *Alboriçar* por *alvorçar*.

gritou desesperadamente ao seu exército em debandada: *À água, soldados, que se acaba o mundo*... .

«E foi assim que o grilo ganhou a guerra que deu à raposa».

*

Este conto ouvi-o contar à lareira, numa noite de inverno na Quinta de S. Pedro, freguesia de Meirinhos, concelho de Mogadouro, pequenina povoação perdida nos arriboses das margens de Sabor, arredio leste trasmontano.

Neste conto transparecem flagrantes pelo menos três ensinamentos.

Um é o de que os pequenos muitas vezes ganham aos grandes. O grilo bem pequeno ganhou a guerra à raposa bem maior e bem matreira.

Outro é o de que nas lutas da vida os aliados ou associados desempenham, ou podem desempenhar, papel basilar e decisivo.

O terceiro ensinamento é o da oportunidade. As ocasiões próprias e os momentos oportunos, são os mais convenientes para que bem resultem as acções ou empreendimentos.

Pode ainda apontar-se outro ensinamento. É que mesmo na desgraça e desânimo da derrota, há sempre um remédio para mitigar o mal.

E assim é que como redenção possível contra a fúria das ferroadas das vespas está a fugir e mergulhar na água, o que justifica o grito de alarme desesperadamente gritado pela raposa ao seu exército em debandada: *À água, soldados, que se acaba o mundo*.

*

Os grilos, dum modo geral, são muito estimados pelo nosso povo.

Em certas aldeias se eles cantam nas cozinhas isso é tido como sinal de felicidade e de fortuna para a casa.

No Brasil diz-se que quando canta um grilo negro é sinal de morte em casa ou na vizinhança. Se porém o grilo cantador é pardo, o facto é tomado como sinal de boas novas. (Almanaque de Lembranças, 1860, pág. 162).

Esta referência brasileira colhi-a no trabalho do Prof. Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, Porto, 1882, pág. 135.

Na mesma página este ilustre Mestre registou uma história respeitante ao grilo que transcrevo:

«Recolhi de Vila Real um conto popular, chamado *História do João Grilo*, na qual entra o *adivinhão* João Grilo que adivinha por acaso diferentes coisas. Numa terra chamaram-no e perguntaram-lhe, apertando na mão um grilo: — Que está aqui dentro? Ele como não sabia disse a lastimar-se: — Ai grilo, grilo, onde estás metido.

E assim cuidaram os outros que ele tinha adivinhado».

Leite de Vasconcelos acrescenta que em pequeno ouviu na Beira Alta uma variante do conto, e em nota escreve: Cf. Mith. Zool. II, 49 e nota 50.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa
Universidade do Porto — Nov. 1964

Congresso Internacional de Etnografia (Santo Tirso)

Discurso proferido em sessão solene sob a Presidência do Ilustre Ministro do Ultramar, Senhor Comandante Peixoto Correia, para inauguração do Colóquio de Etnografia Comparada em 11 de Junho de 1963.

Senhor Ministro do Ultramar
Senhores Congressistas
Minhas Senhoras e meus Senhores

Senhor Ministro,

As minhas primeiras palavras são para V. Ex.^a como destacada figura do Governo da Nação, palavras que pronuncio como singelo obreiro do Ultramar, pois fui durante 20 anos Chefe da Missão Antropológica de Moçambique e a Moçambique dei o melhor da minha vida.

Como director do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia cabe-me a subida honra de estar investido numa dupla qualidade. Como representante da Escola Antropológica do Porto, criada na nossa Universidade pelo meu querido Mestre Prof. Mendes Corrêa, e como representante da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia de que ele foi também o criador e fundador, com a cooperação de outros ilustres investigadores das Ciências do Homem.